

A ESCOLA DA SOCIETÀ ITALIANA DI BENEFICENZA DI SANTOS (1897-1942)

Marcio Brasil – Unisantos

2. História da profissão docente e das instituições escolares

I. Introdução

O objeto deste estudo são os homens no interior do edifício construído em 1917 como sede da *Società Italiana di Beneficenza im Santos*. Com o objetivo de compreender os aspectos formativos da relação entre homem e espaço, considerou-se o edifício como ferramenta desenvolvida pela comunidade italiana para produzir o homem capaz de sobreviver no interior de uma nova divisão social do trabalho e de se integrar a uma nova nação.

No espaço, os homens traçam seus movimentos segundo o tempo determinado pela vida social, cujos registros se constituem em padrões da vida espacial. Bill Hillier, da *Bartlett School of Architecture and Planning* de Londres, desenvolveu a Teoria da Sintaxe Espacial que, ao distinguir os espaços entre confinados e distributivos, permite verificar se a estrutura é capaz de desenvolver nos homens a solidariedade orgânica (estrutura distributiva) ou a solidariedade mecânica (estrutura confinativa) (HOLANDA, 2002).

Apropriando-se deste procedimento técnico, Zarankin (2001) demonstra que os edifícios públicos escolares de Buenos Aires evoluem de uma estrutura de sociedade disciplinar para uma estrutura de sociedade de controle.

A análise teórica conduz à investigação da prática humana em determinados espaços. Como demonstrado por Zevi (1996, p. 193), são muitas as interpretações do espaço arquitetônico, mas:

quem penetra na mais complexa investigação da unidade orgânica do homem e da arquitetura sabe já que o ponto de partida de uma visão integrada, compreensiva da arquitetura é o da interpretação espacial, e julgará todos os elementos que entram no edifício com a medida do espaço.

Neste sentido, o referencial teórico adotado considera a noção de representação articulada sob três modalidades de relação com o mundo social (CHARTIER, 1991, p. 183):

o trabalho de classificação e de recorte que produz configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionais e objetivadas em virtude das quais “representantes” (instâncias

coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe.

Como categoria de análise, o espaço tem sido considerado como “currículo oculto” de formação humana (VIÑAO FRAGO; ESCOLANO, 2001), como lugar de conflito de classes (DAYRELL, 2001) ou como local de trocas simbólicas (BOURDIEU, 2005). A historiografia tem dedicado especial atenção não só ao estudo das práticas e representações escolares, mas também da organização dos tempos e espaços escolares (FARIA FILHO et al., 2004). No entanto, se as pesquisas têm colaborado para esclarecer o fenômeno social da escola pública, por outro lado, pouco se encontra sobre as casas-escola, tipo suplantado pelas escolas-monumentos, hegemônico a partir da Primeira República (FARIA FILHO; VIDAL, 2005).

A partir de 1897, data de sua fundação, a *Società Italiana di Beneficenza im Santos* manteve em seu espaço físico uma escola primária, o que a qualifica como casa-escola. Em 1942, com o encerramento de suas atividades causado pela entrada do Brasil na II Guerra Mundial, o acervo documental do período foi perdido. Apesar disso, esta pesquisa foi possível através de fontes secundárias, tais como os trabalhos de Alves et al. (1989), Pisani (1937), Pereira (1996), Ramos (1990) e Santos (2004), e por fontes primárias, com documentos apropriados destes trabalhos, com processos administrativos consultados na Prefeitura Municipal de Santos, anúncios publicitários, fotografias e a entrevista realizada com Antonieta Angrisani Gomes, filha do construtor da sede definitiva e ex-aluna da escola.

II. Reconstruindo a história da comunidade italiana

Na virada para o século XX, a ausência de uma política pública de educação determinou uma série de iniciativas por parte da sociedade organizada. Dentre as diversas escolas existentes na cidade de Santos/SP, o Collegio Alemão, o Collegio Hispano-Português, o Collegio Teuto Brasileiro, a Sociedade Centro Hespagnol e a Società Italiana di Beneficênza (1904) foram citadas como instituições não-religiosas de imigrantes (PEREIRA, 1996, p. 32).

Lichti (1986, p. 93) afirma que a *Società Italiana di Beneficenza* manteve *uma excelente escola primária, pela qual passaram muitas personalidades da sociedade santista*. Foi fundada em 22/08/1897 pelo Sr. Paolo Santucci, ao n. 106 da Rua do

Rosário¹. Sua primeira sede situou-se no n. 122 da mesma rua² e sua sede definitiva ao n. 79 da Rua Eduardo Ferreira³. Neste edifício *teve grande esplendor, com bailes, eventos culturais, festividades típicas*.

Segundo Alves et al. (1989, p. 5-8), a sede definitiva foi edificada por Miguel Angrisani (1875-1927), siciliano e construtor titulado e habilitado pela cidade de Cosenza, Itália. Além da escola, o edifício também abrigou o *Fascio* (extensão do partido italiano) e o *Dopo Lavoro* (sociedade esportiva, mais tarde denominada Organização Nacional Desportiva). Com a 2ª Guerra Mundial, os bens italianos ficaram sob a guarda do Consulado da Suíça, e, em 1954, o edifício foi adquirido pelo Sindicato dos Estivadores de Santos, que o mantém até hoje. As fotos ilustram a inauguração da edícula, com a presença de autoridades como Augusto Marinangeli, Comendador e Vice-Cônsul da Itália em Santos, Francesco Matarazzo, Conde e industrial paulistano, e João Manoel Alfaya Rodrigues, Comendador e Presidente da Câmara Municipal de Santos, e Elvira Matty e Emma Paini Orsi, professoras da escola.

Outras personalidades relevantes foram identificadas por Ramos (1990, p. 46-8), como Jorge Gut, Cônsul da Suíça, e Paolo Santucci, Cavaleiro da Coroa. Aponta, também, a fundação da escola em 01/07/1901, com aulas de Basílio Figliolino.

A pesquisa realizada por Santos (2004) traz o inventário de detalhes arquitetônicos da sede definitiva e aspectos dos *capomastri*, construtores de tradição familiar ou das corporações de ofício.

Os processos administrativos consultados na Prefeitura Municipal de Santos permitiram reconstituir fatos e datas, assim como os projetos arquitetônicos permitem caracterizar diversas modificações que a sede definitiva sofreu desde 1917.

De acordo com o Processo n. 1.483/1917, o imóvel adquirido da Rua Eduardo Ferreira, n. 79 era recuado das divisas do lote, com dois pavimentos. Reduzido ao modelo esquemático da sintaxe espacial, pode-se afirmar que as unidades de confinamento preponderavam sobre as distributivas, e estas tinham como principais espaços o vestíbulo e o salão central, espaços privativos nos dois pavimentos.

A reforma, projetada por Miguel Angrisani e construída por João Pestana na gestão de Augusto Marinangeli, constrói duas alas acostadas nos recuos frontal e lateral.

¹ Atual Rua João Pessoa, n. 160.

² Atual Rua João Pessoa, n. 178.

³ Atual Rua dos Estivadores, n. 101.

Este modelo esquemático vai equilibrar as unidades de confinamento e de distribuição, e o pátio frontal externo (espaço público) torna-se o principal espaço distributivo.

O Processo n. 5.672/1923 trata da construção da edícula construída por Carlos Saitta na gestão de Eduardo Bava. O modelo esquemático determina uma preponderância de espaços distributivos e o pátio posterior externo (espaço privativo) torna-se o principal espaço distributivo.

O Processo n. 14.106/1954 apresenta projeto arquitetônico de regularização de obras, realizado pela Construtora Demétrio Rodrigues Ltda. para o Sindicato dos Estivadores de Santos. Estas obras podem se referir às clandestinas realizadas pela *Società Italiana*, noticiadas pelo Processo n. 16.337/1941. Por este projeto, pode-se afirmar que os espaços distributivos se tornaram hegemônicos, e o pátio exterior posterior se tornou mais distributivo.

III. Considerações finais

Para Bertonha (2005, p. 82), a grande emigração italiana de 1870 foi produto do processo de desenvolvimento do capitalismo. Este processo determinou a unificação política em torno da coroa de Savóia (reino do Piemonte, ao norte da Itália) e a entrada da nação no mercado internacional (industrialização e modernização da agricultura). Mas, a organização de leis e a unificação do exército determinaram a cobrança de impostos, o empobrecimento do centro-sul do território e o êxodo da população para o norte da Itália ou para a América, em busca de melhores condições de vida.

O modo de produção capitalista promove a reorganização do espaço como estratégia de alienação do tempo de trabalho: a modernização da produção agrícola causa o desemprego nas áreas rurais e o êxodo para as cidades industriais. Nestas cidades, o aumento populacional provoca a expansão do centro para a periferia, que é ocupada em duplo aspecto: de um lado, as elites buscam espaços longe da produção, visando melhorar a qualidade de vida; de outro, os trabalhadores, desempregados ou explorados, buscam os vazios territoriais por incapacidade de prover a vida própria e de seus familiares.

Em contrapartida, o capitalista investe nas mercadorias, construindo vias de circulação entre espaços de produção e mercados consumidores. A cidade capitalista é, ao mesmo tempo, produto da ação do homem sobre a natureza e produto a ser consumido pelo homem. Enquanto circula da periferia para o trabalho, o homem consome o transporte, as vias e os monumentos, públicos ou privados. Ao mesmo tempo, ele produz representações, imagens de modernidade, da ordem estabelecida pelo progresso técnico.

No Brasil, a República instaurada em 1889 intensifica a imigração de europeus especialmente para atender à produção agrária, carente de mão-de-obra desde a abolição dos escravos em 1888. No Estado de São Paulo, os norte-italianos encontram melhores condições de trabalho nas modernas fazendas de café ou nas cidades em construção ao longo das ferrovias.

Contudo, para os imigrantes persistem os conflitos entre capital e trabalho. Buscando minimizá-los, eles constituem as sociedades de beneficências num duplo aspecto de auxílio mútuo e de constituição de uma identidade nacional. Em Santos, a *Società Italiana di Beneficenza* é fundada em 22/08/1897 e, de acordo com Cenni (2003, p. 307-8):

As origens de quase todas as sociedades italianas que se formaram no Brasil são parecidas: certo dia um emigrado, ou um pequeno número deles, resolve convocar uma assembléia mais ou menos numerosa, são estabelecidas as linhas de ação, quase sempre assistencial ou recreativa, é escolhido um nome e trata-se de juntar dinheiro para realizar aquilo que sempre consistiu a principal aspiração desses grêmios: a sede própria.

Apesar de construírem hospitais e clubes esportivos, a atividade mais importante destas sociedades foi a educacional. As escolas eram mantidas pela Dante Alighieri, instituição do governo italiano destinado à difusão cultural em solo estrangeiro, e, principalmente, por negociantes bem sucedidos. Elas foram:

modestas, mal aparelhadas, com grandes falhas de organização, mantidas apenas pelo espírito de sacrifício dos mestres-escolas quase improvisados, (...) de ensino popular, diurnas e noturnas, gratuitas para os menos abastados e paga para os outros. (CENNI, 2003, p. 322-4)

As casas-escola foram representadas pela Primeira República brasileira como lugar inadequado ao ensino público, com problemas de iluminação, ventilação ou, enfim, de habitabilidade ou de salubridade (FARIA FILHO; VIDAL, 2005, p. 45-52). Mas, nem todas as casas-escola se adaptam ao modelo, assim como nem todas as escolas-monumento representam o símbolo oposto. Como casa-escola, a sede definitiva da *Società Italiana* possui amplas janelas que permitem a ventilação e a iluminação, como os grupos escolares, escolas-monumento.

De acordo com anúncios encontrados, a escola existe desde 1910, com aulas de Basílio e Elisabetta Figliolino. Neste ano, lecionaram para 115 alunos de ambos os sexos nos períodos diurno e noturno.

Apesar das descaracterizações ocorridas ao longo do tempo, a análise das fachadas dos imóveis da fundação, da primeira sede e da sede definitiva caracteriza a ascensão material da instituição entre 1897 e 1917. De um imóvel térreo, quase sem

ornamentos, e incapaz de comportar um número razoável de alunos e associados, a *Società* passa a ocupar um imóvel maior, de dois pavimentos, dotado de simetria vertical e dois balcões coroados com ornamentos em estuque. Certamente, sua localização no centro nervoso da cidade determinou o deslocamento para a sede definitiva, em rua calma e bairro ainda residencial. A sede definitiva, contudo, se apresenta como palácio francês.

O movimento determina o caráter das necessidades sociais. Ao se mudar da Rua do Rosário para a Rua Eduardo Ferreira, a comunidade italiana sai do centro para a periferia da cidade, reproduzindo o mesmo movimento que a elite santista faz do Valongo ao Paquetá por conta da construção, no primeiro bairro, da estrada de ferro e do porto organizado. A relação capital-trabalho determina locais difíceis de sobreviver, mas, para a *Società Italiana*, são locais incompatíveis para a posição social que a comunidade vai adquirindo e para as atividades que desenvolvem, na época.

Miguel Angrisani representa a tradição dos *capomastri* que, no Brasil, foram responsáveis pela construção das cidades nascidas pelas riquezas do café e por modernizarem as técnicas da construção civil. Na Itália, junto com o pai, realizou obras públicas para o governo italiano; em 1912, se estabeleceu em Santos, edificando residências para a classe média nos bairros que vão se desenvolvendo ao longo da Rua Conselheiro Nébias, principal via de acesso do centro à periferia mais abastada. Antonieta, filha de Angrisani, narra que apesar de ter participado do projeto de importantes edifícios, como o palácio da *Banca Italiana di Sconto* e a sede da Associação Instrutiva José Bonifácio, ele considerava a casa-escola italiana o seu principal trabalho.

Através do álbum de fotografias de suas obras foi possível determinar influências no partido arquitetônico adotado sede definitiva da *Società*. Nas residências de maiores recursos, Angrisani projetava a edificação assimétrica, centralizada no lote e recuada das divisas; nas demais, o lote era dividido em duas edificações geminadas e simétricas, acostadas aos recuos lateral e frontal, com acesso pelo centro recuado da divisa frontal, formando um terraço comum e coberto. Em comum, o estilo eclético em edificações de dois pavimentos.

A edificação adquirida pela *Società* como sede definitiva é centralizado no lote e possui dois pavimentos. O projeto de Angrisani amplia o imóvel em duas alas acostadas nos alinhamentos lateral e frontal, criando entre elas um pátio central que, por um lado, se identifica com as construções que realizava com as classes menos abastadas e, por outro, com os palácios franceses, tornando este pátio numa espécie de *court d'honneur*, espaço que permite as trocas simbólicas entre poderes constituídos em rituais públicos. As

tradições da família real, do Estado italiano, dos *capomastri*, da maçonaria e das corporações de ofícios estão aqui representadas em trabalhos de estuque, de marcenaria e de serralheria, como acrotérios, cártulas com ramos, capitéis jônicos, frontões cimbrados ou triangulares, gradis e a cúpula. Os elementos clássicos, barrocos ou de art-nouveau caracterizam o caráter eclético da construção.

O que mais chama atenção no projeto de 1917 é a sala de bilhar que define o principal aspecto do edifício: é lugar de encontro da comunidade, local de lazer para as famílias, local de trabalho para os professores e administradores, e local de instrução para as crianças. A produção do lugar está relacionada com as experiências anteriores e com a cidade que cresce e se desenvolve: ao pavimentar as ruas para o trânsito de automóveis, retira-se das casas construídas no alinhamento do passeio público o seu espaço de lazer, antes caracterizado pelas conversas entre vizinhos e pelas brincadeiras entre as crianças no logradouro. O Estado construtor de cidades organiza espaços de trabalho, de instrução e de lazer que nem sempre estão próximos às moradias; por isso, confia aos serviços públicos de transportes a função de elemento integrador desses espaços. Mas, a necessidade do trabalho faz o homem se deslocar de casa, enquanto que as necessidades de lazer e de instrução fazem o homem procurar soluções domésticas, como colocar o filho numa escola particular mais próxima ou convidar os amigos para uma festa no quintal de casa. Sendo as condições objetivas determinantes para a ação humana, o espaço italiano é produto da falta de espaços de lazer e de instrução tanto das casas de seus usuários quanto da cidade.

Por outro lado, a instrução determinava o capital cultural na sociedade que se estruturava em instituições e corporações. De um lado, os homens instruídos conseguiam melhores empregos nas companhias de desenvolvimento da cidade, da estrada de ferro e das docas. De outro, as mulheres instruídas contraíam casamentos com homens melhores colocados no mercado de trabalho da época. Tais alianças refletiam um progresso social que diferenciava as famílias de imigrantes dos ex-escravos e contribuía para a inclusão do imigrante na sociedade local.

Se a escola possibilitava a inclusão do imigrante na sociedade local, ela também possibilitava a inclusão da sociedade local na escola, oferecendo ensino gratuito e de acordo com o currículo nacional. Assim, o Comendador Marinangeli vai solicitar a isenção de taxas, impostos e emolumentos da construção através do Processo n. 1961/1917, deferido pelo Prefeito Belmiro Ribeiro de Moraes e Silva.

O eixo vertical de simetria da nova sede divide sexualmente o edifício: senhoras e alunas à esquerda, senhores e alunos à direita. Na prática, Antonieta narra que

suas classes eram mistas, e os poucos meninos ocupavam as últimas fileiras da sala. Ali aprendiam Música, Matemática e Línguas (Italiano, Português, Francês e Inglês). As aulas de música integravam as instituições escolar e social, e eram realizadas no salão de festas da *Società*. Matemática e Línguas integravam comunidade e trabalho, este dominado pelo capital financeiro inglês, pelo capital filosófico francês ou pelo capital social português. Mas, é através do próprio capital cultural que profundas transformações vão ocorrer no espaço físico.

A partir de 1919, a casa-escola passa a abrigar a sede do *Fasci di Combattimento*. Na Itália, Benito Mussolini ascende ao poder em 1922; no ano seguinte, Carlos Saitta projeta uma edícula de dois pavimentos, destinado às aulas de ginástica e ao auditório. A escola passa a se denominar “Alessandro Manzoni” e, de fato, o acréscimo atende à política do partido fascista: o espaço de ginástica atende ao *Dopo Lavoro* que se instala, organizando o tempo de lazer dos trabalhadores em atividades físicas; o espaço do auditório permite a exibição de companhias teatrais italianas, destinadas a divulgar a imagem do governo e do *Duce*.

No espaço, o pátio frontal perde sua importância enquanto espaço de rituais públicos e privados; agora os rituais privados podem ser deslocados para o pátio posterior, entre a edícula e edifício original. Este movimento determina também que, se antes a comunidade italiana buscava integrar-se à sociedade santista, abrindo seu espaço para a rua, agora ela é detentora de capital cultural suficiente para se impor na sociedade como grupo distinto, ou seja, é a sociedade santista que busca se integrar à cultura italiana.

Desta forma é possível compreender as trocas simbólicas verificadas entre 1939-41, do Estado nacional que se impõe para limitar as ações do grupo organizado: os processos 10350/39 e 17743/40 modificaram, respectivamente, o *Dopo Lavoro* em Organização Nacional Desportiva e a *Società Italiana di Beneficenza im Santos* em Casa da Itália de Santos; os processos 2319, 14721, 16318 e 16337 de 1941 tratam das obras internas no imóvel, embargadas pela municipalidade e regularizadas sem aprovação de projeto arquitetônico.

Se for correto afirmar que estas obras foram regularizadas em 1954 pelo Sindicato dos Estivadores de Santos, pode-se afirmar que os italianos desenvolveram um tipo especial de escola. Diferente das escolas públicas, que centralizam a circulação e controlam o movimento dos alunos entre as salas de produção, a casa-escola italiana precisou integrar seus espaços. Coerente com a Teoria da Sintaxe Espacial, os italianos desenvolveram um espaço capaz de permitir a solidariedade mecânica entre os indivíduos.

Em períodos distintos, o edifício assistiu manifestações realizadas por seus ocupantes: antes da guerra, crianças desfilavam com as camisas negras e exibiam com orgulho os símbolos da nação governada pelo *Duce*; após a guerra, trabalhadores decidiram ali suas posições diante das relações que o trabalho portuário lhes impunha.

O principal resultado desta pesquisa é que, mediante necessidades sociais ou culturais, os italianos criaram e modificaram seu espaço educativo, e tais ações foram determinantes para sua inclusão no mundo do trabalho e sua ascensão na sociedade.

IV. Referências bibliográficas

ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS. **Miguel Angrisani: Constructor**. Coleção Particular.

ANÚNCIO PUBLICITÁRIO. **Almanak Santos e São Vicente**. Santos, p. 97, 1910.

ANÚNCIO PUBLICITÁRIO. **Indicador Santista**. Santos, p. 188, 1914.

ALVES, Evani Martins et al. **Prédio do Sindicato dos Estivadores de Santos**. 1989. Trabalho de curso (Licenciatura em História). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Unisantos, Santos.

BERTONHA, João Fábio. **Os Italianos**. São Paulo: Contexto, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 11, n. 5, p. 173-191, jan./abr. 1991.

CENNI, Franco. **Italianos no Brasil: “Andiano in’Merica”**. São Paulo: Edusp, 2003.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: _____ (Org.). **Múltiplos olhares sobre a educação e cultura**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2001. p. 136-161.

ENTREVISTA ORAL. **Antonieta Angrisani Gomes**. Entrevistador: Marcio Brasil. Santos, 19/10/2005. CD (50 min.).

FARIA FILHO, Luciano Mendes de et al. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.1, p. 139-159, jan./abr. 2004.

_____; VIDAL, Diana Gonçalves. **As lentes da história: Estudos de história e historiografia no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2005.

HOLANDA, Frederico de. **O espaço de exceção**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2002. (Arquitetura e Urbanismo).

LICHTI, Fernando Martins. **Historia de Santos: Poliantéia Santista**. São Vicente: Caudex, 1986.

PEREIRA, Maria Aparecida Franco. **Santos nos caminhos da educação popular** (1870-1920). São Paulo: Loyola, 1996.

_____ (Org.). **Santos, Café & História**. Santos, Leopoldianum, 1995.

PISANI, Salvatore. **Lo Stato di San Paolo nel Cinquantenario dell'Immigrazione**. São Paulo: [s.n.], 1937.

RAMOS, Márcia Campelo de Souza. **A imigração italiana em Santos** (1888-1940). 1990. Trabalho de curso (Licenciatura em História). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Unisantos, Santos.

SANTOS. Prefeitura Municipal. **Processos n. 1.483, 1.961 e 4.992 de 1917**. Fundação Arquivo e Memória de Santos.

SANTOS. Prefeitura Municipal. **Processo n. 5.672/1923**. Fundação Arquivo e Memória de Santos.

SANTOS. Prefeitura Municipal. **Processo n. 10.350/1939**. Fundação Arquivo e Memória de Santos.

SANTOS. Prefeitura Municipal. **Processo n. 17.743/1940**. Fundação Arquivo e Memória de Santos.

SANTOS. Prefeitura Municipal. **Processos n. 2.319, 14.721, 16.318 e 16.337 de 1941**. Fundação Arquivo e Memória de Santos.

SANTOS. Prefeitura Municipal. **Processo n. 14.106 de 1954**. Fundação Arquivo e Memória de Santos.

SANTOS, Adriana Cecília Gianvecchio. **Os capomastri e a tradição de ofícios**: Estudo de caso – Os artistas construtores na cidade de Santos (1880-1930). 2004. Trabalho de conclusão de curso (especialização em Teoria e Prática da Preservação e Restauro do Patrimônio Arquitetônico e Urbanístico). Unisantos, Santos.

VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, Espaço e Subjetividade**: a arquitetura como programa. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ZARANKIN, Andrés. **Paredes que domesticam**: Arqueologia da arquitetura escolar capitalista: o caso de Buenos Aires. 2001. Tese (doutorado em Arqueologia). Unicamp, Campinas.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. Tradução de Maria Isabel Gaspar, Gaëtan Martins de Oliveira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.